



Reflexões interdisciplinares sobre a Medievalística alemã e latina (sécs. X-XI)
Reflexions interdisciplinaires sobre la Medievalística alemana y llatina (segles X-

XI)
Reflexiones interdisciplinarias sobre la Medievalística alemana y latina (siglos X-

XI)
Interdisciplinary reflections on German and Latin Medievalistics (X-XI centuries)

Álvaro Alfredo BRAGANÇA JÚNIOR¹

Resumen: La Edad Media, en una perspectiva de largo plazo, se abre a diferentes enfoques epistemológicos desde distintos campos del saber. Dentro del escenario académico brasileño, la predilección por modelos de análisis historiográfico y literario basados en presupuestos teóricos y metodológicos franceses, angloamericanos, italianos, españoles y portugueses se entiende por razones lingüísticas e históricas en el desarrollo de los estudios medievales en Brasil. Con esta afirmación en mente y con el objetivo de ampliar el acceso a otras historiografías, en este artículo, luego de una introducción basada en el binomio medievalística o medievalística, concebimos una breve discusión sobre los estudios medievales de la literatura alemana y latina en los siglos X y XI. con el enfoque reflexivo en la *Segunda Fórmula Mágica de Merseburg* en alto alemán antiguo y las expresiones paremiológicas del latín medieval.

Palabras-clave: Medievalística – Filología Germánica – Literatura del alto alemán antiguo – Latín medieval – Fórmulas de encantamiento – Paremiología latina medieval.

Abstract: The Middle Ages, in a long-term perspective, opens to different epistemological approaches from distinct fields of knowledge. Within the Brazilian academic scenario, the predilection for models of historiographical and literary analysis based on French, Anglo-American, Italian, Spanish and Portuguese theoretical and methodological assumptions is understood for linguistic and historical reasons in the development of medieval studies in Brazil. With this statement in mind and with the aim of expanding access to other historiographies, in this article, after an introduction based on the medieval or medievalistic binomial, we conceived a brief discussion on the medieval studies of German and Latin literature in the 10th and 11th centuries with the reflective focus on *Der zweite Merseburger Zauberspruch* in Old High German and Medieval Latin paremiologically expressions.

¹ Professor Titular da [Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\)](http://www.ufrj.br). E-mail: alvabrag@letras.ufrj.br



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Keywords: Medievalistics – Germanic philology – Old High German Literature – Medieval Latin – Charms – Medieval Latin Paremiology.

ENVIADO: 03.11.2022

ACEPTADO: 22.11.2022

I. À guisa de Introdução

Durante muito tempo coube à Idade Média o incorreto epíteto de “Idade das Trevas”. Como um mero espaço temporal entre a Antiguidade Clássica, berço da “cultura” civilizacional europeia e o Renascimento, tempo de revalorização daqueles ideais greco-romanos, a época geralmente balizada cronologicamente entre 476 e 1453 foi caracterizada pejorativamente como simples entrave temporal, o período que se situava no “meio” da vida intelectual da Europa.²

Hoje em dia, devido principalmente aos estudos iniciados pela *École des Annales* (1929-1989)³, o medievo ocupa merecido espaço de excelência dentro do cenário acadêmico mundial. Neste sentido, seu estudo dentro do Brasil afirma-se como indispensável para o estabelecimento, consolidação e fomento de campos interdisciplinares de saber, pois, no que diz respeito ao momento atual da pesquisa científica em Letras, o diálogo entre

² “Pesam sobre a Idade Média muitos estereótipos, e por isso será conveniente precisar, antes de mais, que a Idade Média não é o que o leitor comum pensa, o que muitos manuais escolares compostos à pressa fazem crer e que o cinema e a televisão têm apresentado (...) A Idade Média não é um século, como o século XVI ou o século XVII, nem um período bem definido e com características reconhecíveis como o Renascimento, o Barroco ou o Romantismo. É uma sucessão de séculos assim chamada pelo humanista Flavio Biondo, que viveu no século XV. Como todos os humanistas, Biondo preconizava um regresso à cultura da Antiguidade Clássica e, por assim dizer, colocava entre parêntesis os séculos (em que ele via uma época de decadência) que decorreram entre a queda do Império Romano (476) e o seu tempo...” – ECO, Umberto. “Introdução à Idade Média”. In: ECO, Umberto (org.). ECO, Umberto (org.). *Idade Média. Bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote, 2014. p. 13-14.

³ Para o tema, ver BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991, e GURIÉVITCH, Aaron. *A síntese histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

as diversas áreas do conhecimento parece ser condição indispensável para novas articulações epistemológicas.

No campo da Literatura, onde o social fornece sempre o contexto para a obra literária, cada vez mais é imperiosa, pelo menos esta é nossa opinião, a experimentação conjunta entre as ciências, pois se à Hermenêutica cabe a interpretação e proposição de modelos de análise da mensagem textual⁴, outras abordagens permitem um maior grau de apreensão e compreensão daquilo que se objetiva investigar.

Em síntese, pretexto, contexto e texto são uma tríade indissociável no mundo dos estudos da linguagem e no campo dos Estudos Medievais há muito o que se discutir. Nesse sentido, talvez uma das mais importantes convergências analíticas sobre o medieval se realiza através da contribuição de um campo de saber, cuja denominação varia de Medievalística a Medievística. Nas linhas a seguir comentaremos brevemente e defenderemos nossa escolha terminológica.

II. Medievística – sobre a denominação de um conceito

Para o estudo integrado da Idade Média por um viés interdisciplinar encontramos uma bipolaridade nominal, a saber, os termos Medievalística e Medievística.

Se partirmos de um plano etimológico, pensamos Medievalística relacionada ao conceito de “medievalidade”. Ambas as palavras, no plano linguístico, derivam de “medieval”. Consoante nosso entendimento, o primeiro termo, em largo uso dentro da historiografia brasileira sobre a Idade Média, liga-se à forma(s) de (re)apropriação do mundo medieval, de fato, aduzindo simples referências ao universo medieval, por vezes a partir de estereótipos não condizentes com a historicidade do período.⁵

Por conseguinte, se Medievalística e medievalidade possuem essa raiz comum, cujos desdobramentos discursivos na contemporaneidade não se coadunam majoritariamente com a cientificidade requerida por estudos de ordem histórica, literária, linguística,

⁴ SPERBER, Suzi Frankl & PAULA, Adna Candido de (orgs.). *Teoria literária e hermenêutica riccoeuriana - um diálogo possível*. Dourados, MS: UFGD, 2011.

⁵ MACEDO, José Rivair e MONGELLI, Lênia Márcia. *A Idade Média no Cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

sociológica, apenas para citar algumas áreas dialógicas do conhecimento sobre o medievo, defendemos *Medievística* como o termo mais preciso.

Medievística, em alemão *Mediävistik*, em sua origem em “medievo”, tomado como substantivo ou adjetivo e criado para se referir ao modo como os renascentistas denominavam a era medieval. Juntamo-nos a vários medievistas alemães⁶ de renome no sentido de uma abordagem totalmente interdisciplinar no trato da Idade Média, pois medievista é aquele que, ao nosso ver, é um especialista na Idade Média que se ocupa em suas pesquisas com um vários saberes relacionados à *mediae aetati* como história, civilização, língua, literatura, música, teologia, arqueologia, filosofia, arte, paleografia, esfragística, codicologia, dentre outros.⁷

Aventamos nossa própria proposta de definição da *Medievística*, qual seja, a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que a considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas, possuindo, como afirmado no parágrafo anterior, subáreas do conhecimento conjuntamente acionadas.

Se pensarmos, por exemplo, no Ocidente entre 476 e 1453, convencionalmente considerados como *terminus a quo* e *terminus ad quem* da época medieval, a língua latina e todos os desdobramentos de ordem cultural que estejam registradas em documentos e testemunhos textuais podem ser analisadas pela *Medievística* latina.

Do mesmo modo que, a partir do século VIII, com os primeiros vocábulos e textos em *althochdeutsch* – antigo-alto-alemão – podemos falar dos albores da *Medievística* Germanística (“Germanística Antiga”) como um ramo dos estudos da língua e literatura alemãs, é a ciência da língua e literatura alemãs desde a Idade Média até o início do

⁶ Citamos, por exemplo, DINZELBACHER, P. (Hrsg.) *Sachwörterbuch der Mediävistik*. Stuttgart: Kröner, 1992; BEIN, Thomas. *Germanistische Mediävistik – eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2005; BEIN, Thomas. *Textkritik – Eine Einführung in Grundlagen germanistisch-mediävistischer Editions-wissenschaft*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008; BRANDT, Rüdiger. *Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft*. München: Fink, 1999; WEDDIGE, Hilbert. *Einführung in die germanistische Mediävistik*. München: C. H. Beck, 2003.

⁷ Para um estudo mais aprofundado sobre a *Medievística* Germanística em língua portuguesa, ver BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. “*Medievística* Germanística – introdução a um saber desconhecido no Brasil”. In: *Plêthos*, 2, 2, 2012, p. 108-119.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

período moderno (aprox. 700-1500). Destarte, os estudos linguísticos e literários do latim medieval bem como dos outros vernáculos europeus medievais, inserem-se dentro da Medievística.

A Medievística, pois, como ciência que trabalha conjuntamente o social e o literário no universo da Idade Média, permite associar o estudo literário e lingüístico à contraparte social, antropológica, histórica, fornecendo as bases para a uni ou plurivocidade do texto literário, documento e testemunho ao mesmo tempo, o que nos leva a indagar sobre os limites entre a Medievística e a Filologia, objeto de nossas próximas reflexões.

III. A língua alemã – entre a Filologia Germânica e a Medievística Germanística

Devido às diferenças entre as temporalidades, imaginemos o trabalho com épocas e textos bem distantes de nossa atualidade. Caso elejamos a Idade Média, com uma produção fortemente marcada pela influência eclesiástica, poderíamos formular a seguinte questão: em que extensão uma tentativa de representação literária poderia “refletir” o cotidiano real, por exemplo, da Idade Média de expressão alemã? Tal pergunta parece ser para um germanista, contudo, uma tarefa bastante desafiadora e, no caso brasileiro, ainda a ser empreendida.

Ao começarmos por uma posição reducionista e simplista, que afirma ser a produção literária em alemão entre o século VIII e a primeira metade do século XI quase que um reflexo de aspirações de conversão ao Cristianismo das tribos germânicas instaladas na europa continental e insular, lidamos com a sua inexatidão, pois uma gama de textos em antigo-alto-alemão mostra-nos também o universo germânico ainda não tangenciado pelos eclesiásticos.

Posteriormente, já na vigência do médio-alto-alemão, ao se falar na *Hobes Mittelalter*⁸, lembramo-nos dos romances de aventuras – *Epen* – e da lírica heroica germânica – *Heldenepik* –, que legarão à posteridade nomes como Parsifal, Siegfried, Walther, Hagen von Tronje, Dietrich von Bern, dentre outros. Em um mundo advogado pelo texto literário, cujos ideais de cortesia entraram em voga via Provença, nos indagaríamos como professores de literatura em alemão como teria sido possível a formação dentro

⁸ Alta Idade Média em alemão moderno. Na escola historiográfica alemã, o termo corresponde à época entre os séculos XI e início do século XV.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

do círculo dos *bellatores* de uma consciência literária e de pertencimento a uma *classis*, já que clérigos, guerreiros e camponeses ocupavam posições distintas dentro daquela sociedade.

Sólidos pontos de apoio na historiografia em língua alemã sobre o medievo germanófono são indispensáveis. Estudiosos como Bumke⁹, Althoff¹⁰ e Wenzel¹¹, dentre outros historiadores e germanistas, vêm se debruçando sobre a questão, porém é necessária a mediação da Filologia Germânica e da Medievalística Germanística.

No campo da Filologia, ciência *prima inter pares* no âmbito dos estudos da linguagem, e no da Medievalística, em que o social e o lingüístico-literário fornecem sempre o contexto para a obra literária, cada vez mais é imperiosa a experimentação conjunta entre as ciências, pois o “amor ao logos” e o “estudo interdisciplinar do medievo germanófono”, como anteriormente aludido, se associam à Hermenêutica na interpretação e análise da mensagem textual.

Com esta visão conjunta de trabalho pode-se, em nosso ver, aprender e compreender melhor o objeto de estudo, o texto, em suas diversas modalidades. No que tange à Filologia Germânica em específico, ela é, *lato sensu* a ciência que estuda a cultura dos povos que falam línguas germânicas, isto é, o estudo da vida espiritual e intelectual dos povos germânicos através de sua língua, literatura, arte, religião, usos e costumes, direito, etc; *stricto sensu*, como a ciência que estuda as línguas e literaturas germânicas.¹²

A primeira definição corresponderia em vários tópicos à definição de Medievalística Germanística por nós já referenciada no início desta conferência e que permite integrar o estudo filológico e literário a dados de ordem social, histórica, cultural, arqueológica, por exemplo, fornecendo uma focalização mais abrangente e ao mesmo tempo mais precisa sobre o objeto de estudo.

⁹ BUMKE, Joachim. *Höfische Kultur – Literatur und Gesellschaften im hohen Mittelalter*. 9. Auflage. München: DTV, 1999.

¹⁰ ALTHOFF, Gerd. *Spielregeln der Politik im Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997.

¹¹ WENZEL, Horst. *Fraendienst und Gottesdienst*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1974.

¹² BUNSE, Heinrich A. W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983, p. 13.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Por isso, a Medievalística Germanística de língua alemã pode permitir ao pesquisador, com base em fontes e em trabalho conjunto e integracionista com a Filologia, História e demais áreas do conhecimento, deprender, de uma forma macro e microscópica, ao mesmo tempo, uma visão particular ou social de mundo em uma determinada época dentro do medievo.¹³ Sólidos pontos de apoio na historiografia em língua alemã sobre o medievo germanófono são indispensáveis, pois o texto literário se configura através de sua expressão escrita.

Posto isso, passemos ao segundo tema e gênero: a fórmula mágica de um mundo germânico de tradições pagãs do século X e vejamos como podemos articular a Medievalística Germanística e a Filologia Germânica juntamente com uma visão historiográfica.

IV. Primeiro tema e primeiro gênero: a *Segunda Fórmula Mágica de Merseburg*

Phol ende Uodan vuoren zi holza.
dû uuart demo Balderes volon sîn vuoꝝ birenkit.
thû biguolen Sinthgunt, Sunna era suister,
thû biguolen Frîja; Volla era suister;
thû biguolen Uuodan, sô hê uuola conda:
sôse bēnrenkî, sôse bluotrenkî, sôse lidirenkî:
bēn zi bêna, bluot zi bluoda,
lid zi gelidin, sôse gelîmida sîn!¹⁴

A poesia mais antiga em solo alemão em versos aliterativos¹⁵ é poesia pagã de tribos e expressão de fidelidade a um chefe de que só muitos exemplos chegaram até nós,

¹³ Ver THEODOR, Erwin. “A Alemanha no mundo medieval”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.) *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. Cotia: Íbis, 1997. Trata-se de um artigo consistente em língua portuguesa, embora com um caráter resumitivo acerca de fatos históricos do espaço germanófono continental durante a Idade Média.

¹⁴ “Phol e Wotan foram ao bosque. Aí o potro de Baldur torceu a pata. Aí rezaram sobre ele Sinthgunt (e) Sunna, sua irmã; aí **rezaram** [grifo nosso] (en)cantaram [sobre ele Freya (e) Volla, sua irmã; aí **rezou** [grifo nosso] (en)cantou sobre ele Wotan, tão bem quanto pôde: seja torção de pata, seja sangue pisado, seja torção dos membros:osso com osso, sangue com sangue, membro com membro, como se fossem colados.” – DER ZWEITE MERSEBURGER ZAUBERSPRUCH. In: STEINMEYER, Elias von. *Die kleineren althochdeutschen Sprachdenkmäler*. Berlin: Weidmann, 1916, p. 365-367.

¹⁵ Fórmulas mágicas são uma tipologia textual performativa em que se pretende obrigatoriamente modificar uma sequência de eventos condicionada de forma causal e que pertencem aos gêneros mais



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

conservados, sobretudo, em testemunhos de épocas posteriores. Constitui um monumento dialetal em linguagem do povo, sendo assim possível determinar pelo menos, com base numa análise geográfico-lingüística que geralmente abrange a fonologia e a ortografia, o local ou o espaço lingüístico de sua fixação definitiva por escrito.

A palavra pronunciada ou cantada em tom solene era um acompanhamento de rituais mágicos em que se implorava a proteção e o auxílio das divindades da tribo. A esta devem ter-se juntado versos com que se acompanhavam sacrifícios, oráculos e fórmulas mágicas semelhantes aos que se tornaram conhecidos também fora do espaço cultural europeu em povos organizados tribalmente. Nestas fórmulas mágicas, há que se incluir em toda a amplitude as preocupações e as expectativas quotidianas de uma sociedade de troca que vivia da caça, da agricultura e da criação de gado.

As *Fórmulas mágicas de Merseburg* são textos desse tipo. A que ora trazemos à discussão inicia-se com um relato épico, contido em dois versos longos aliterados: Phol e Wotan dirigem-se a cavalo para a floresta, quando um dos cavalos torce uma pata. É a um segundo nível de enunciação que se processa a tentativa do esconjuro mágico, tentativa empreendida por três vezes, porque nas duas primeiras em nada resulta. Apenas quando o próprio Wotan, deus supremo, é invocado na sua qualidade de patrono da magia e da cura é que se anuncia a cura do cavalo.

Seguem-se depois a um terceiro nível de enunciação, imperativo, a invocação da doença e a ordem de cura. O deus cura a pata do cavalo de Baldur, pois ao entoar de seu canto – *biguolen* – a força mágica age. Lembrando ao deus de sua benevolência e sucesso no passado, o executor ou possuidor do encantamento parece instigá-lo a uma ação similar no presente.

As linhas subsequentes do encantamento podem representar uma citação das próprias palavras de cura do deus ou um sumário de seus efeitos. Por outro lado, há todo um

antigos de poesia. No caso de nossa fórmula em epígrafe há várias semelhanças com outras presentes no *Atharvaveda*, uma coleção de textos sagrados do hinduísmo. Para mais informações, cf. HAUBRICHS, Wolfgang. “Art. Zauberspruch”. In: *Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft* 3, 2007, p. 874-877.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

gestual que acompanha, fortalece e coparticipa com aquela. Na área de imbricação entre o falado e o gesticulado, o ritual se concretiza.

A estrutura clara da *Segunda Fórmula*, a alternância regular dos vários níveis de enunciação nos quais é possível distinguir forças mágicas que desencadeiam acontecimentos, vem provar que esta fórmula teve a sua origem num longínquo passado germânico e possivelmente indoeuropeu. A confiança tanto na vontade de ajudar quanto no poder de atuação do universo das divindades germânicas mantém-se intacta e é expressa com convicção.

Todos os nossos comentários advêm da percepção em conjunto de características, dados levantados pela História e conhecimento de alguns postulados antropológicos e sociológicos, tão bem alicerçados dentro da pluralidade da *Medievística Germanística* e o aqui exposto não representa um centésimo da riqueza cultural dos textos e fragmentos textuais da primeira fase do alemão moderno!

Voltando nossa atenção, agora, à expressão linguística do latim medieval, centrar-nos-emos sobre a língua latina enquanto veículo de cultura durante a Idade Média a partir da apresentação sucinta de latinistas renomados sobre o tema.

V. O latim medieval – problematização conceitual

Indubitavelmente, a *Medievística Latina* desdobra-se a partir dos primeiros textos em latim desde o século V, normalmente parametrizado como o início da Idade Média. Contudo, a produção em latim durante o medievo possui contornos específicos, que nem sempre são uniformes, a começar pela própria definição do veículo de expressão, a língua latina.¹⁶

A dificuldade, pois, para se precisar o conceito de latim medieval é o ponto de partida para a discussão sobre seus traços fonéticos, morfológicos, sintáticos e semânticos

¹⁶ “Não há unanimidade entre os autores quanto a classificar o latim da Idade Média como uma língua morta ou como uma língua viva, do que resulta uma grande variedade de conceituações.” – MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1982 (tese de doutorado em Letras na Área de Língua e Literatura Latina), p. 23.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

específicos. Uma gama de variadas opiniões de estudiosos nos dá uma ideia dos problemas para a delimitação do latim medieval.¹⁷

A partir de fins do século IV, ter-se-ia desenvolvido na Europa um *sermo latinus*, de capital importância na história lingüística europeia, cognominado de latim medieval. Ludwig Traube (1861-1907) o considera uma língua morta, embora apresentasse ainda possíveis modificações. Para Karl Vössler (1872-1949), seria uma forma intermediária entre uma língua viva (latim vulgar) e uma língua morta (latim clássico). Winfred Philip Lehmann (1916-2007) entende o latim medieval como uma língua viva, mas limitada por certas conjunturas.

Karl Strecker (1861-1945)¹⁸ era de opinião que o latim medieval seria uma continuação normal do latim clássico, utilizado como meio de expressão pelos escritores da Baixa Latindade. M. E. Löfstedt (1880-1955) pensa, porém, ser o latim medieval uma língua viva em curso normal e orgânico durante a Idade Média.

Já o caráter de língua viva também é acentuado por Dag Norberg (1909-1996). Em seu *Manuel pratique de latin médiéval*, o estudioso define o latim da Idade Média como continuação do latim escolar e literário do Baixo-Império.¹⁹

Franz Blatt (1903-1979) considera toda a latinidade, e com isso, o latim medieval uma só unidade, chegando à conclusão de que latim tardio e latim medieval formam um *continuum*. M. Bieler vê no latim medieval uma *Ideengemeinschaft* (comunidade de idéias), uma língua sem nacionalidade, sem povo, não sendo, portanto, mundial, porém sendo utilizada como língua auxiliar internacional durante o período medieval.

Para Richard Meister (1881-1964), o latim medieval seria uma língua de tradição, *Traditionssprache*, preponderantemente falada, que evoluiu graças aos impulsos espontâneos dos falantes. Christine Mohrmann (1903-1988) afirma sobre o pensamento de Meister, que o latim medieval não seria uma língua viva, no sentido

¹⁷ MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des chrétiens, latin medieval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1955 (todas as opiniões, a seguir, dos estudiosos sobre o conceito de latim medieval foram retirados da obra acima mencionada).

¹⁸ STRECKER, Karl. *Introduction to medieval latin*. Berlin: Wiedmannsche Verlagsbuchhandlung, 1957, p. 23-29.

¹⁹ NORBERG, Dag. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris: A. Et J. Picard, 1968, p. 14.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

estrito dos termos, mas apresentaria certos traços como os neologismos, por exemplo, que aproximariam o idioma de uma língua corrente.²⁰

A autora, porém, situa a base do latim medieval no binômio oralidade X literariedade, como asseverado por Maria do Horto Soares Motta, que não somente à oralidade esse *sermo medievalis* deve ser caráter “vivo”, mas também da literatura e da língua escrita.²¹

Podemos questionar sobre a existência de um “latim literário medieval”, como aventada por Francesco di Capua (1879-1957), mas a idéia do latim medieval como sendo uma *Kunstsprache*, (língua artificial) permite-nos uma clareza maior de definição. O conceito de *Kunstsprache* abarcaria uma coletividade ligada pela força unificadora de uma ideia ou tradição inspirada por fatores culturais.²²

Em nosso caso, a unidade medieval do latim foi obtida através dos membros “intelectuais”, oriundos, a princípio, do seio eclesiástico. Seria a *respublica clericorum* a grande responsável pela latinidade medieval ao salientar que *clerici* seria sinônimo de *literati*, “letrados”, no sentido de “eruditos”,²³ herdeiros e guardiões da tradição e herança clássicas sob a direção da Igreja.²⁴

O latim, portanto, era a língua de cultura, língua de transmissão dos ensinamentos ministrados aos alunos nas escolas seculares e nas universidades, do estudo e explicação das Sagradas Escrituras, das discussões diplomáticas, dos encontros entre intelectuais.²⁵

²⁰ MEISTER *apud* MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des crétiens, latin medieval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1955, p. 39.

²¹ MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*, *op. cit.*, p. 26.

²² MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*, *op. cit.*, p. 27.

²³ Discussão sempre atual sobre o conceito medieval de “erudito”, podendo ser interpretado como o termo moderno “intelectual” encontra-se em LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, s.d.

²⁴ MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*, *op. cit.*, p. 27.

²⁵ Contudo, é imprescindível que tenhamos em mente as diversas épocas dentro do medievo, em que o latim foi utilizado. Apesar de nossa conceituação generalizante, estamos cientes que, à época do texto egeriano, século V, ainda nos situamos entre a *Antiguidade Tardia*, com uma expressão lingüística que podemos denominar “latim tardio”, e a *Alta Idade Média*, cujo marco cronológico e lingüístico para nosso entendimento do latim medieval é o ano de 476. A afirmação desta nota prende-se à língua latina utilizada no medievo principalmente a partir do século X.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Enfim, a língua do Lácio fornecia os subsídios necessários para um maior desenvolvimento da cultura medieval, sendo, com isso, uma marca de sua autonomia.

O sagrado e o profano, frutos da tradição escrita e oral, confluem no tecido lingüístico deste latim. Assim sendo, a partir da consideração das várias propostas de conceituação, julgamos oportuno propor nossa definição de latim medieval como a modalidade lingüística portadora da cultura cristã e greco-latina, que se desenvolveu a partir do chamado latim vulgar, assimilando, contudo, no ambiente cultural da vida eclesiástica, as lições dos mestres da Antiguidade Clássica.

Essa fusão no ápice do medievo no tocante às letras – século XII – se refletiria na profusão de gêneros literários na língua do Lácio, como os *exempla*, os fabulários, os provérbios, bestiários, romances épicos e poemas de variada ordem, todos veiculadores, em maior ou menor grau, de normas e valores éticos e comportamentais.

Para analisarmos, portanto, os textos medievais, apoiamo-nos nos fundamentados apresentados pela latinista Maria do Horto Soares Motta, ao sintetizar que a constituição do latim medieval não se deve somente aos influxos característicos do latim clássico, do *sermo vulgaris*, nem do latim cristão, mas sim é o produto lingüístico decorrente desse caldo cultural em que estava imerso.²⁶

Não é necessário ressaltarmos, contudo, a mobilidade de uma língua, que a cada geração, adquire novas feições. Entretanto, as modificações lingüísticas espelham as mudanças sociais da respectiva época. Não à uniformidade, mas à polaridade e à vitalidade do universo expressivo do latim que tornam a diferenciação lingüística na Idade Média coparticipante de sua própria história, em um sentido mais específico, da formação da própria sociedade medieval.

Mais ainda, os testemunhos escritos legitimam o processo de apropriação de formas e condições de vida que caracterizam a transformação de uma sociedade, em princípio com uma tradição cultural oral, em uma sociedade, onde a escrita assume um papel de guardiã e transmissora desse mesmo legado.

²⁶ MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*, op. cit., p. 30.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

No tocante às particularidades do latim medieval, é necessário que algumas considerações sejam feitas.²⁷ Em primeiro lugar é indispensável atentarmos para as fontes da constituição desse latim, ou seja, a nosso ver, a tradição cultural latina, o ideário cristão e sua expressão escrita (latim cristão) e a contribuição dos bárbaros. O tecido linguístico romano, dos povos bárbaros e do cristianismo constituirão o latim medieval.²⁸

A uma pluralidade de influxos formadores do *sermo medievalis* corresponde uma vasta plêiade de temas e textos.²⁹ À guisa de exemplificação e estudo selecionamos para esta etapa deste ensaio um exemplo oriundo das expressões proverbiais em latim medieval.

VI. O segundo tema e o segundo gênero – literatura sapiencial e provérbios em latim medieval³⁰

Desde tempos remotos, o discurso paremiológico presta-se ao estabelecimento de normas comportamentais e de conduta condizentes com uma visão do mundo baseada em experiências referendadas por gerações. Como instrumentos de solidificação de um determinado *modus cogitandi* que pleiteia um *modus faciendi* desejado, os provérbios configuram-se, assim, como excelente repositório linguístico-semântico acerca de determinado período histórico com suas tensões e distensões imanentes, podendo ser inseridos na literatura sapiencial ou gnômica – *gnose* – conhecimento; *gnome* – aforismo moral ou provérbio –, gênero poético que consiste em um conjunto de máximas postas em verso para auxiliar a memória.

²⁷ Não adentraremos nesse artigo o léxico do *sermo medievalis*. Como base de consulta obrigatória ao tema, citem-se LANGOSCH, Karl. *Lateinisches Mittelalter. Einleitung in Sprache und Literatur*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988, p. 53-60; HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. *Mittellateinisches Glossar*. 2. Aufl.. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989. Também como referência essencial, cf. DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium mediae et infimae latinitatis*. Paris: Libr. des Sciences et des Arts, 1937.

²⁸ MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*, op. cit., p. 32.

²⁹ A historiografia literária em língua alemã que se debruça sobre a literatura latina medieval trata detalhadamente dos gêneros literários do período como BRUNHÖLZL, Franz. *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1992. 2 volumes e MANITIUS, Max. *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München: C. H. Beck'sche, 1939.

³⁰ Todas as informações concernentes ao campo de estudo da paremiologia, bem como aos provérbios aqui analisados encontram-se em BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina*. Vitória: DLL-UFES, 2012.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Pertence à família da literatura sapiencial, que expressa “verdades” gerais sobre o mundo, tendo o conceito sido criado e definido por Henry Peacham (c. 1576-1643) como ditos relacionados aos modos e práticas dos homens que declaram, com brevidade, o que deve ser feito e o que não deve ser feito em nossa vida.³¹

No âmbito do baixo medievo, o provérbio é por nós entendido como unidade fraseológica caracterizada externamente por uma certa concisão e brevidade e, no plano interno, por apresentar elementos metafóricos que contêm uma mensagem de valores gerais referendada através de gerações e que deve ser seguida.

Atua em nível do discurso escrito corrente na literatura medieval em língua latina como meio pedagógico, proporcionando aos interessados o discurso da sabedoria, que, no teocêntrico ambiente do medievo, pode ser alcançada através da *revelação* das verdades (humanas e bíblicas) e através do *aprendizado* dos discípulos dentro dos padrões éticos e morais condizentes com um cristão e que configuram implicitamente a aceitação de uma visão de mundo revelada e transmitida pela Igreja através de sua retórica de dogmatização do sagrado.

Em 1912, sai à luz pela Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, inserida na *Sammlung mittellateinischer Texte* (Coleção de textos de latim medieval), volume 3, a obra de Jakob Werner, *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters*. No cômputo geral, há quatro manuscritos, que podem ser datados do século XV, dois manuscritos do século XII e apenas um proveniente do século XIII.

O estudioso suíço arrola 2533 provérbios, dentre os quais, 1322 são rimados, o que por si só permite a datação dos mesmos dentro do período medieval, ordenando-os a partir de sua primeira letra, não separando aqueles iniciados por *i* e *j* e *u* e *v*.

Os manuscritos compilados são os seguintes:

- a) manuscrito **B** – A.XI., Biblioteca da Universidade de Basel, Suíça.
- b) manuscrito **Ba** – o mesmo manuscrito, porém, contém entre as folhas 236–283 uma coleção de sentenças, provérbios e citações de escritores clássicos, que, do mesmo

³¹ GOSSE, Edmund. “[Gnome and Gnomonic Poetry](#)”. In: CHISHOLM, Hugh (ed.). *Encyclopædia Britannica*, vol. 12. Cambridge University Press, 1911, p. 151-152.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

modo, são ordenados alfabeticamente. O citado manuscrito apresenta-se acrescido de aditamentos;

- c) manuscrito **D** – Darmstadt 2225, século XV (na capa, ano de 1410). Aqui temos o autor da seleção, Galfrido de Vino;
- d) manuscrito **K** – Munique, Biblioteca do Paço, século XIII;
- e) manuscrito **P** – Paris, Biblioteca Nacional, Lat. 6765, século XII;
- f) manuscrito **Sch** – Munique, Biblioteca do Paço e da Cidade, século XII;
- g) manuscrito **SG** – de Sankt Gallen, Biblioteca do Convento, século XV (1462).

Em nossa tese de doutoramento, *A fraseologia medieval latina como reflexo de uma sociedade* (1999), trabalhamos com os quatro eixos temáticos mais recorrentes nas parêmys, a saber: elementos da Antiguidade Clássica³², os animais como representantes do comportamento humano, críticas ao clero e a representação da figura feminina nas modalidades de esposa, mulher, virgem e mãe. Todos eles surgem como motivos para a construção de um discurso eminentemente preocupado com a manutenção de valores prezados pelo ideal de cristandade.³³

Analisemos, por ora, dois exemplos dos campos acima mencionados.

VI.I Antiguidade Clássica

Bachus et Venus

Provérbio: Tesseribus, Bacho, stabili meretricis amore
Qui committit ei, proprio privatur honore (manuscrito B).

Tradução: Quem nos dados, em Baco, no constante amor de uma meretriz incorre, é privado da própria honra.

³² Sobre a influência do mundo clássico, especialmente romano, na plasmação da própria cultura literária medieval é indispensável a leitura, dentre outros autores, de CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957, principalmente a partir da página 50.

³³ Em relação aos animais como representantes do comportamento humano, a tradição dos bestiários medievais é a grande representante desse *topos* literário. Para o tema, ver [The Medieval Bestiary. Animals in the Middle Ages](#).



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Partindo-se para uma análise formal do primeiro provérbio, o que primeiramente nos chama a atenção é a sua estrutura rítmica, que apresenta acentuação intensiva nas 2^a, 5^a, 8^a, 10^a, 12^a e 15^a sílabas tônicas, no primeiro verso e nas 1^a, 3^a, 5^a, 6^a, 8^a, 10^a e 12^a sílabas tônicas no segundo verso, permitindo que visualizemos a acentuação intensiva característica do verso medieval rimado.

Quanto ao esquema rimático, *a + a* em *am^{ore}* e *hon^{ore}*, este caracteriza os versos *caudati*, no caso, em dístico, com dois hexâmetros, sendo o primeiro de dezesseis sílabas e o segundo de quatorze sílabas com rima dissílabo nas finais.

No campo da análise lexical e semântica encontramos *tesseribus*, do latim *tessera* e este do grego *téssares*, os “dados”, objetos de forma cúbica utilizados em jogos; *Bacho*, de *Bacchus*, deus romano do vinho e da inspiração poética, aqui simbolizando a bebida; *meretricis*, forma do genitivo singular de *meretrix* e esta ligada ao verbo *merere*, “merecer”: “prostituta”; *honore*, forma ablativa de *honoris*, a “honra própria”. O valor da *honoris* para os romanos está contido neste provérbio medieval, pois quem se entrega aos prazeres do jogo, do vinho e de prostitutas está destituído de sua própria dignidade.

Pelo exposto, nota-se, a partir da definição de seus atributos, que o deus Baco e o vinho simbolizam uma união, cujo resultado é expresso basicamente em orgias e descontrole ao falar, derivados da embriaguez, que, segundo a visão eclesíastica medieval, afasta os homens da sobriedade e sapiência indispensáveis ao comportamento de um cristão.

Jogo, bebida e prostitutas são temáticas recorrentes na Idade Média como dignas de sérias reprimendas àqueles que a elas se dedicam.³⁴ O fascínio exercido pelo jogo, onde sorte e azar convivem lado a lado e levam os homens muitas vezes à completa ruína financeira, sem falar na moral; ao vinho, que desde os antigos era a bebida da verdade,

³⁴ Especialmente no âmbito do *movimento trovadoresco* (c. 1110-1350): “O ambiente social no qual os trovadores medievais desenvolveram suas melodias foi o cortesão. Reunidos naquela miríade de cortes espalhadas pelo sul da Europa, os feudais criaram uma *alegre sociabilidade*, propícia ao relaxamento, à festa, à comida, ao jogo. Ao riso. À Música. Afrouxadas as convenções, os homens passaram a olhar as mulheres, as damas, com olhares sedutores, suaves, a ponto de elevá-las a patamares desconhecidos e se colocarem sob suas determinações. Sob suas ordens. A ponto de se apaixonarem.” – COSTA, Ricardo da; GABY, André; HARTMANN, André; RIBEIRO, Antonio Celso; SILVA, Matheus Corassa da. “Um *tributo à arte de ouvir. O amor cortês nas canções de Berenguer de Palou* (c. 1160-1209)”. In: *eHumanista/IVITRA* 15 (2019), p. 396-455.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

pois *in vino veritas*, entregavam-se os homens sem limites; as mulheres de vida fácil fechavam o ciclo de prazeres mundanos, ofertando-se, em troca de pagamento, àqueles que as procuravam para a fruição da carne.³⁵

VI.2 Animais

Cattus et mus

Provérbio: *Cattus sepe satur cum capto mure iocatur* (manuscrito Ba 37)

Tradução: Frequentemente o saciado gato brinca com o aprisionado rato.

Através do verso leonino e da acentuação intensiva nas 1^a, 3^a, 5^a, 8^a, 10^a e 13^a sílabas tônicas, onde se observa o esquema rimático **a + a** (**satur** e **iocatur**), juntamente com as assonâncias e aliterações, coloca-se em destaque, por meio de associação entre “estar satisfeito” e “jogar, brincar”, a questão da superioridade e poder de alguém – do gato – em relação a um adversário impotente – o rato.

Este provérbio, que ainda possui como marcas medievais a já freqüente redução do ditongo **ae** para **e** no caso de *sepe* e o uso do vocábulo do latim tardio *cattus,-i* em predileção à forma clássica *feles / felis, -is*, traz como personagens centrais dois dos animais mais representativos dentro da imagética medieval.

Preliminarmente, os gatos desempenham um papel de importância na história humana. Adorados e divinizados no Egito, simbolizados como animais demoníacos ou portadores de má-sorte (até hoje em dia, deparar-se com gato preto numa sexta-feira, dia 13 de qualquer mês é considerado sinônimo de azar), os felinos domésticos aparecem com freqüência nos *libri proverbiorum* e bestiários medievais. Rápidos, ágeis, perseguidores incansáveis de ratos, há menção aos gatos e suas qualidades até no Direito galês do século X como possuidores de qualidades de visão, audição, presteza para matar ratos e ter patas sadias.³⁶

³⁵ Por exemplo, para nos atermos apenas à tradição dos bestiários, as prostitutas são como lobos (*lupae*) porque *desperdiçam as riquezas de seus amantes* – a *rapacidade* do lobo já se encontra em Isidoro de Sevilha (c. 556-636) – SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), MCMXCIV, vol. II, p. 74-75 (XII, 2, 23).

³⁶ SALISBURY, Joyce E. *The beast within: Animals in the Middle Ages*. London: Routledge, 1994, p. 14.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

Como controlador dos roedores, o gato possuía (até hoje em dia) uma função na sociedade humana. No *folio* 48r do *Livro de Kells* (de origem céltica e datação incerta), há uma figura, cuja simbologia nos é similar à do provérbio 37 do manuscrito de Basel.³⁷

Os gatos, defensores da sagrada tradição da eucaristia, aproximam-se, portanto, dos eclesiásticos, que, através de seu comportamento, devem manter a ordem social de acordo com a palavra de Deus. Odo de Cheridon (1185-1246), ao utilizar suas fábulas para oferecer mensagens de comportamento humano para preservar a ordem social medieval, lançava freqüentemente mão da figura de gatos tonsurados e paramentados como um monge para perseguir um rato.³⁸

O clero, transmutado na pele do felino doméstico, está atento para evitar os danos pestilentos provenientes dos roedores, que refletem posturas e idéias anticatólicas dos homens de então.

Conclusão

Por fim, foi escopo destas pouquíssimas reflexões, resultantes de nossa experiência docente e de pesquisa desde 1993, uma mudança de perspectiva referente ao papel da Medievalística. À Medievalística Latina – ainda não explorada a contento no cenário acadêmico brasileiro – e à Medievalística Germanística, que, como ciência aglutinadora das pesquisas na área de expressão cultural em língua e literaturas de língua alemã começa lentamente a afirmar-se em alguns centros de estudos universitários brasileiros cabem a tarefa de explorar mais esse universo palpitante de vida que é a Idade Média.

Como um conjunto de manifestações de ordem cultural preponderantemente registradas nas fontes textuais, mas não de forma setorizada, como se evidenciou pela importância dada aos aspectos eminentemente interdisciplinares daquele saber múltiplo, oferecemos, a partir de um simples exemplo de fórmula de encantamento do século X em antigo-alto-alemão e de poucas parênticas em latim medieval do século

³⁷ “*Book of Kells. Folio 48r: Matthew*”. In: [Digital Collections. The Library of Trinity College Dublin](#).

³⁸ In: SALISBURY, Joyce E. *The beast within: Animals in the Middle Ages*. London: Routledge, 1994, p. 124-125; ODO OF CHERITON. [The Fables of Odo of Cheriton](#). (translated with an Introduction, by John C. Jacobs). Syracuse University, 1985.

Para uma história do manuscrito, ver DE HAMEL, Christopher. “o Livro de Kells”. In: *Manuscritos notáveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 109-156.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

seguinte, uma pequena amostra de um amplo leque de possibilidades analíticas ainda a ser exploradas nesta longa e, diríamos, eterna duração da Idade Média.

Fontes

DER ZWEITE MERSEBURGER ZAUBERSPRUCH. In: STEINMEYER, Elias von. Die kleineren althochdeutschen Sprachdenkmäler. Berlin: Weidmann, 1916.

ODO OF CHERITON. [The Fables of Odo of Cheriton](#). (translated with an Introduction, by John C. Jacobs). Syracuse University, 1985.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. *Etimologías*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), MCMXCIV, vol. II.

[The Medieval Bestiary. Animals in the Middle Ages](#).

WERNER, Jakob. *Lateinische Sprichwörter und Sinnsprüche des Mittelalters*. Heidelberg: Carl Winter's Universitätsbuchhandlung, 1912.

Bibliografia

ALTHOFF, Gerd. *Spielregeln der Politik im Mittelalter*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1997.

BEIN, Thomas. *Textkritik – Eine Einführung in Grundlagen germanistisch-mediävistischer Editionswissenschaft*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2008.

BEIN, Thomas. *Germanistische Mediävistik – eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2005.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. “Medievística Germanística – introdução a um saber desconhecido no Brasil”. In: *Plêthos*, 2, 2, 2012, p. 108-119.

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. *A fraseologia medieval latina*. Vitória: DLL-UFES, 2012.

BRANDT, Rüdiger. *Grundkurs germanistische Mediävistik/Literaturwissenschaft*. München: Fink, 1999.

BRUNHÖLZL, Franz. *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1992. 2 Bände.

BUMKE, Joachim. *Höfische Kultur – Literatur und Gesellschaften im hohen Mittelalter*. 9. Auflage. München: DTV, 1999.

BUNSE, Heinrich A. W. *Iniciação à filologia germânica*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1983.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989). A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

COSTA, Ricardo da; GABY, André; HARTMANN, André; RIBEIRO, Antonio Celso; SILVA, Matheus Corassa da. “Um tributo à arte de ouvir. O amor cortês nas canções de Berenguer de Palou (c. 1160-1209)”. In: [eHumanista/IVITRA 15 \(2019\)](#), p. 396-455.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura européia e idade média latina*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.



Ricardo da COSTA (org.). *Mirabilia Journal* 35 (2022/2)

The World of Tradition. Life and Death, Thought and Culture in Ancient, Medieval and Renaissance Worlds

Jun-Dic 2022

ISSN 1676-5818

- DE HAMEL, Christopher. “o Livro de Kells”. In: *Manuscritos notáveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 109-156
- DINZELBACHER, P. (Hrsg.) *Sachwörterbuch der Mediävistik*. Stuttgart: Kröner, 1992.
- DU CANGE, Charles du Fresne. *Glossarium mediæ et infimæ latinitatis*. Paris: Libr. des Sciences et des Arts, 1937.
- ECO, Umberto (org.). *Idade Média. Bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Alfragide, Portugal: Publicações Dom Quixote, 2014, p. 13-40.
- GOSSE, Edmund. “Gnome and Gnostic Poetry”. In: CHISHOLM, Hugh (ed.). *Encyclopædia Britannica*, vol. 12. Cambridge University Press, 1911, p. 151-152.
- GURIÉVITCH, Aaron. *A síntese histórica e a Escola dos Anais*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- HABEL, Edwin & GRÖBEL, Friedrich. *Mittellateinisches Glossar*. 2. Aufl. Paderborn; München; Wien; Zürich: Schöningh, 1989.
- HAUBRICHS, Wolfgang. “Art. Zauberspruch”. In: *Reallexikon der deutschen Literaturwissenschaft* 3, 2007, p. 874-877.
- LANGOSCH, Karl. *Lateinisches Mittelalter. Einleitung in Sprache und Literatur*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*. Lisboa: Gradiva, /s.d./.
- MACEDO, José Rivair e MONGELLI, Lênia Márcia. *A Idade Média no Cinema*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- MANITIUS, Max. *Geschichte der lateinischen Literatur des Mittelalters*. München: C. H. Beck'sche, 1939.
- MOHRMANN, Christine. *Latin vulgaire, latin des chrétiens, latin medieval*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1955.
- MOTTA, Maria do Horto Soares. *Karolus Magnus et Leo Papa. Estudo de um epos medieval*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 1982 (tese de doutorado em Letras na Área de Língua e Literatura Latina).
- NORBERG, Dag. *Manuel pratique de latin médiéval*. Paris: A. Et J. Picard, 1968.
- SALISBURY, Joyce E. *The beast within: Animals in the Middle Ages*. London: Routledge, 1994.
- SPERBER, Suzi Frankl & PAULA, Adna Candido de (orgs.). *Teoria literária e hermenêutica riccoeuriana - um diálogo possível*. Dourados, MS: UFGD, 2011.
- STRECKER, Karl. *Introduction to medieval latin*. Berlin: Wiedmannsche Verlagsbuchhandlung, 1957.
- THEODOR, Erwin. “A Alemanha no mundo medieval”. In: MONGELLI, Lênia Márcia (org.) *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. Cotia: Íbis, 1997.
- WEDDIGE, Hilbert. *Einführung in die germanistische Mediävistik*. München: C. H. Beck, 2003.
- WENZEL, Horst. *Frauentienst und Gottesdienst*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 1974.